

# Jamie Kendrick: «Precisamos de voltar a unir as pessoas»

Paulo Jorge Pereira · 22.05.2026

ECONOMIA · POLÍTICA · SOCIEDADE

*Especialista em pós-crescimento na Green European Foundation, Jamie Kendrick esteve em Portugal para falar sobre a Economia do Bem-Estar e os novos desafios aos progressistas do futuro.*

---

Jamie Kendrick é assessor político da Green European Foundation e esteve em Portugal para uma palestra sob o título «Economia de Futuros: A Economia do Bem-Estar» em que interveio na apresentação de uma publicação acerca do tema. Nesta presença, teve ainda oportunidade para abordar vários temas da atualidade, deixando um alerta para todos os progressistas: «Precisamos de voltar a unir as pessoas, promovendo o diálogo e a cooperação.»

**Em dezembro, no Congresso dos Verdes Europeus em Lisboa, Vula Tsetsi disse que não é aceitável que a extrema-direita chegue ao poder. Mas em países como Alemanha ou França, ou até mesmo aqui, a ameaça é muito clara. Como avalia o que está a acontecer em relação a esta ameaça de ascensão da extrema-direita?**

A ameaça é extremamente real. Por exemplo, o país mais poderoso do mundo, os Estados Unidos, está claramente nas mãos de um líder de extrema-direita, Donald Trump. E, apenas nos últimos meses, também desencadeou violência no Médio Oriente, com o bombardeamento ao Irão e tudo o que o seguiu. Não é, por isso, apenas uma situação hipotética, é aquilo que estamos a viver. Quando olhamos para a Europa, vários países têm a extrema-direita no poder. Itália é, talvez, o principal caso. Mas também países escandinavos ou a Suíça: neste caso, não estão formalmente no poder, mas exercem muita influência. Na Finlândia, ocupam o poder. E há muitos outros países em que, não estando no poder, são a maior parcela da oposição: Polónia, França, Reino Unido ou Alemanha. Não há, portanto, espaço para complacência. E olharia para dois pontos essenciais: primeiro, a extrema-direita tem sido muito eficaz na organização online e na comunicação digital. Os progressistas têm de melhorar na tecnologia porque é a rádio ou o telefone do nosso dia a dia. Por outro lado, também diria que conseguiram capturar a raiva nos últimos anos. Mas não trazem soluções. Entendo a insegurança que as pessoas sentem na Europa e isso está relacionado com a nossa economia. Já vimos isso no passado: há 15 anos, programas de austeridade destruíram serviços públicos como escolas, transportes públicos ou hospitais. As pessoas

que trabalham nestas áreas estão sob pressão e quem depende desses serviços sente isso. Os salários estagnaram. A crise na habitação é gravíssima. Há uma tendência para a concentração de ativos.

### **Identifica uma Internacional da extrema-direita?**

Sim, trabalham juntos e estão em permanente contacto. Não só no interior da Europa, mas também entre Europa e Estados Unidos e vice-versa. No ano passado, o Vox organizou o evento Europa Viva em Espanha. Ficou bem demonstrado como estão todos ligados. E, claro, existe um nível europeu para essa rede. Mas também há um nível global. E pode ver-se a cooperação entre a extrema-direita europeia e a americana através de redes como a Conservative Political Action Conference ou o Mathias Corvinus Collegium, um *think tank* húngaro gerido pelo movimento de Victor Orbán. Há também ligações com movimentos de extrema-direita de outros pontos do mundo: o Brasil é um exemplo óbvio, Israel seria outro. Existe, portanto, um nível de coordenação e de cooperação internacional que não existia e que está mais facilitado porque têm acesso a grandes somas de dinheiro para fazer essa organização internacional. No entanto, a extrema-direita é nacionalista em contraste com o internacionalismo dos progressistas. Aqui trata-se apenas de outro caso de mero oportunismo. Os progressistas querem construir alianças além-fronteiras de uma forma que um fascista internacional nunca faria.

Existe potencial na Hungria, mas é preciso que outros governos e outras sociedades civis europeias se movimentem para o reforço da cooperação com os húngaros.

### **Nesse contexto, olha com otimismo para a Hungria e para a mudança com um novo Primeiro-Ministro cuja origem é precisamente o Fidesz, partido de Orbán?**

É uma oportunidade para mudar o que estava a acontecer na Hungria, mas ao mesmo tempo um momento para seguir com cautela. Orbán, no poder, agiu em várias direcções para reforçar o poder do seu regime: redes de negócios com gente da sua confiança e da família, em especial no setor dos serviços; controlo do poder judicial; controlo dos media; mudanças na Constituição. Neste contexto, uma mudança de poder, mesmo para alguém que só está um passo ao lado à direita, já é significativa. Existe potencial na Hungria, mas é preciso que outros governos e outras sociedades civis europeias se movimentem para o reforço da cooperação com os húngaros. E, assim, talvez uma evolução mais progressista seja viável mais depressa.

### **Quando observa as guerras na Ucrânia e no Médio Oriente, que força identifica na voz da União Europeia para que se encontrem soluções?**

A União Europeia tem lutado, nos últimos anos, para deixar uma imagem forte e defender os interesses europeus em conflitos no plano internacional. Na Ucrânia, a unidade dos países europeus em apoio ao país, incluindo para fornecer ajuda militar, é essencial. Porém, não me parece que os governos e líderes

européus tenham ido além dessa solidariedade na definição de uma efetiva estratégia a favor ou contra a guerra. E isso deixa a Ucrânia e a Europa numa situação difícil. No ano passado, a União Europeia e os países europeus foram excluídos das conversações de paz. Obviamente, os ucranianos foram envolvidos, mas isso também revela uma certa fraqueza europeia. E o mesmo é verdade no Médio Oriente. A diferença é que a Europa é chave na Ucrânia, na medida em que representa apoio financeiro e militar, cruciais na defesa da soberania ucraniana.

Esta união é totalmente falhada no Médio Oriente. Não há uma leitura europeia comum sobre o 7 de outubro, a destruição e o genocídio em Gaza. Agora, com a guerra estendida ao Irão e ao Líbano, vários países europeus têm leituras diferentes do assunto. O governo italiano disse recentemente não ter posição sobre a guerra no Irão - isto, para um grande país como este, significa não ter posição sobre um conflito que tem ramificações globais. Ora, outros países europeus, como Espanha, Eslovénia ou Irlanda têm erguido a voz em defesa da paz, num evidente contraste com o silêncio italiano. E o resultado disto é que os países europeus não foram protagonistas em relação a qualquer tipo de mediação ou gestão de crise. E as negociações de paz foram para o Paquistão, sob a liderança do governo paquistanês, e não para a União Europeia ou para qualquer outro Estado europeu.

**Vivemos tempos de violações de direitos humanos, em contexto de guerra e não só, além de inúmeras situações contrárias ao desenvolvimento de conceitos como responsabilidade ambiental, liberdade, justiça, diversidade, não-violência. Que espaço existe, de facto, para a afirmação de políticas ambientais?**

As políticas ambientais são a base para a segurança futura de cada sociedade, de cada economia, de cada um de nós.

Penso que as políticas ambientais são a base para a segurança futura de cada sociedade, de cada economia, de cada um de nós. E não me parece que, sem essas políticas, seja viável falar em futuro, por exemplo, do estado social, um orgulho para os europeus. A criação do estado social foi uma forma de proteger as pessoas das transições e dos riscos que enfrentam na vida, como acontece se isso significar doença ou se significa chegar a uma idade em que não temos mais condições para trabalhar. E o que vemos com as alterações climáticas cada vez mais reais é que existem novas formas de riscos: condições de trabalho que não sejam suportáveis sob exposição a determinadas temperaturas; riscos de casas ou empresas serem destruídas por eventos climáticos extremos. Construir respostas sociais a isso, que necessariamente significarão políticas ambientais e sociais lado a lado, é o caminho certo. Muitas das crises que vivemos nos últimos anos suscitaram questões sociais - por exemplo, a pandemia de Covid-19, as duas últimas crises energéticas e a inflação que veio com elas. São casos que estão profundamente ligados ao ambiente e não me parece que faça sentido uma separação entre o que é ambiental, social ou até mesmo uma questão de segurança. Estão todas juntas.

**Temas como habitação, saúde, educação, justiça são essenciais na atualidade face aos problemas em cada um destes setores. Encontra boas respostas a estas questões quando ouve as forças progressistas?**

Sim, desde logo um ressurgimento de pensamento sobre economia que estava afastado há anos. Um bom exemplo é o debate sobre as taxas mundiais aplicadas aos hiper-ricos. Em França, tem havido um grande debate sobre a chamada taxa Zucman, também identificada com Mamdani, uma vez que foi tema central na sua campanha em Nova Iorque. Evidenciar a gritante desigualdade entre milionários e cidadãos comuns é algo que tem de ser feito.

Como progressistas, precisamos de voltar a unir as pessoas, promovendo o diálogo e a cooperação.

**Também a habitação exige boas respostas e, no caso português, o LIVRE tem alertado para a diferença avassaladora nas taxas de habitação pública que, em Portugal, não passam dos 2%...**

Sem dúvida, é muito baixa. E essa é uma boa proposta para mudar e tornar a realidade melhor para toda a população. É preciso trazer o público e a comunidade de volta. E isto é tão válido na habitação como para outros serviços essenciais: transportes, energia, etc. E isso não tem de traduzir-se sempre na nacionalização de empresas. Por exemplo, no caso da energia, temos visto muitos exemplos de casos municipais e de comunidades de energia entre cidadãos, envolvendo as pessoas coletivamente no investimento a desenvolver tecnologias renováveis, mas também a partilhar e reaproveitar o benefício disso a longo prazo. Há muitos modelos, claro... Mas, voltando às primeiras perguntas sobre a ascensão da extrema-direita, penso que esta se aproveita de uma sociedade dividida em temas como habitação, energia, educação e outros. Como progressistas, precisamos de voltar a unir as pessoas, promovendo o diálogo e a cooperação. Penso que é assim que crescemos mais fortes e podemos proporcionar uma vida melhor para cada um.

**A Comissão Europeia trouxe de volta a energia nuclear como uma forma de reforçar o caminho para a descarbonização. Não é um passo perigoso?**

Penso que sim, especialmente porque, tendo em conta a emergência climática, não faz sentido investir milhares de milhões de euros a construir novas centrais nucleares quando a opção mais barata para a energia são as renováveis, como o solar ou o vento. E estas tecnologias têm muitas vantagens face ao nuclear: são baratas; relativamente rápidas de instalar, ou seja, não se trata de projetos que demorem 20 anos, podem estar online em pouco tempo; e são descentralizadas. Vivemos uma era de crise, há guerra em território europeu, há guerra no Médio Oriente, há eventos climáticos extremos, há novos tipos de ameaças, como a segurança cibernética. Neste contexto, construir um sistema de energia descentralizado é também dispor de níveis de resistência mais elevados, enquanto um sistema de

energia nuclear depende de pontos críticos em que a produção e, portanto, os riscos estão concentrados. No mundo volátil em que vivemos, a descentralização também é uma opção mais segura. Por isso, a principal pergunta, durante muito tempo, sobre as renováveis foi se podiam estabilizar sem suficiente tecnologia de baterias. Esta, a cada ano que passa, avança, os custos descem e já estamos a chegar a um ponto em que, em vez de ser feito um investimento a 20/30 anos para uma central de energia nuclear, a combinação de energia descentralizada e renovável, apoiada pelas baterias e com maior grau de segurança, já está lá. Então, por que razão não assumir esta escolha?